

IMPORTAÇÕES / Carnaval no Brasil e Ano Novo na China podem atrasar a chegada de mercadorias e tornar mais caras as transações comerciais

Compras em espera

» FERNANDA STRICKLAND

O Ano Novo Chinês começou na sexta-feira, com um feriado oficial de três dias. No mesmo período, no Brasil, ocorrem os festejos de carnaval.

A coincidência dos dois feriados pode provocar aumento de custos e atraso nas entregas de produtos comercializados entre os dois países, prejudicando as empresas e o consumidor final.

Em 2023, o Brasil importou da China US\$ 53,18 bilhões,

enquanto as exportações totalizaram US\$ 104,31 bilhões.

Para especialistas, é imprevisível que as empresas tenham se planejado para não serem impactadas por esses eventos. "A partir da gestão dos estoques é possível adiantar as entregas ou postergar para depois do término do feriado do Ano Novo Chinês e do carnaval. Programação é a chave do negócio. Adiantar-se em relação aos pedidos minimiza os riscos e eventuais atrasos na cadeia logística", afirma a head of pricing da Nowports

Brasil, Bruna Horstmann.

Para ela, a corrente de comércio entre os dois países, que chegou a US\$ 157 bilhões no ano passado, revela não só a importância da China para o Brasil, mas também a "necessidade de as empresas nacionais se prepararem para minimizar os impactos que podem surgir da paralisação temporária das fábricas em razão do feriado".

Embora a paralisação seja temporária, a executiva pontua que, tendo em vista a escala de produção das empresas, sem um

planejamento robusto que engloba o pré e o pós-evento, isso pode implicar às companhias custos consideráveis. "Antecedência é a principal recomendação para quem deseja evitar problemas com atrasos e custos adicionais", diz Bruna.

A empresária lembra que, além da festividade chinesa, a logística internacional é desafiada pelos ataques a navios cargueiros no Mar Vermelho, causando aumento de 10 a 15 dias no tempo de trânsito quando os produtos vêm pela África.

Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

Do prato para a boca

Com a cabeça de políticos e governantes voltada para as eleições deste ano e a de 2026 e a do mercado financeiro, como sempre, para o que dizem os números de curto prazo da economia, tipo inflação e déficit público, continua difícil pautar a prioridade do progresso vis-à-vis as transformações tecnológicas e geopolíticas no mundo.

A disputa sobre a execução da Lei Orçamentária Anual (LOA) também reduz as discussões econômicas relevantes aos fundos fiscais que os governantes querem dispor, e é pouco o que está disponível para livre provimento, dado o extremo engessamento das contas públicas (93% do total, entre salários do funcionalismo, transferências de renda e déficit da previdência, são gastos obrigatórios).

Sobra como variável de ajuste o valor orçado para o investimento custeado com fundos fiscais, parte do qual (R\$ 53 bilhões na LOA, R\$ 47 bilhões depois do corte pelo presidente Lula) disperso entre emendas agraciadas aos 594 parlamentares. Se a aversão ao corte das emendas liderada pelo presidente da Câmara, Arthur Lira, for amainada, a avaliação do mercado será positiva, já que estará em linha com a meta de zerar o déficit primário (sem juros) da LOA.

E o nível da atividade econômica em meio a isso? Sofrerá pouco no curto prazo, pois movido mais por medidas que impactam o gasto das famílias (como as transferências de renda à fatia majoritária da população) que pelo investimento, sobretudo privado, imperativo para sustentar os resultados futuros. Estamos há 40 anos vivendo a economia do "contente", dirigida pela satisfação imediata.

Os comentaristas de política adoram estas tretas, que distraem e entretêm mas são irrelevantes para reverter o longo declínio da economia brasileira no confronto global. O resultado excepcional das commodities de exportação — grãos, carnes, minérios, petróleo — impulsiona nosso PIB na lista dos maiores do mundo, tira-nos da má companhia dos países insolventes (tipo Argentina), mas...

Estas atividades empregam pouco, recolhem quase nada de impostos e não têm o dinamismo da manufatura para puxar o setor de serviços, onde a maioria de todos nós labuta e tira o seu quinhão.

Pregadores do capinancismo

Achar esse equilíbrio entre os setores da economia é o que, já vão décadas, se espera dos governantes e da elite do capital. Mas basta o PIB crescer pouco acima de 2% (como deverá entregar este ano) e a inflação ficar mansa para os espíritos mais inquietos sossegarem o facho e sentirem incômodo com quem fala de desenvolvimento.

A elite do capital é capaz de ficar oito horas durante dois dias num auditório ouvindo pregadores do capinancismo falarem de riscos fiscais e monetários. Sobre as tecnologias que já mudaram o mundo, tornando obsoletos os modelos de negócios conhecidos, há pouco ou nenhum interesse. Satisfazem-se com política econômica que garante fundos para os políticos empinarem sua popularidade desde que ela não destrambelhe a dívida pública e a inflação.

Berço da Revolução Industrial, a Inglaterra - país do Grupo dos 7 mais ricos do Ocidente, tem o pior desempenho econômico do bloco e se debate em meio a uma crise existencial - é um bom observatório sobre as origens do declínio, depois de décadas de políticas com viés distributivo, seguido de mais décadas até agora de ideologia do Estado mínimo e desfibramento até do mais bem-sucedido sistema de saúde pública no mundo (que inspirou o nosso SUS).

Na sistole e diástole do coração econômico inglês, a indústria foi para o brejo, o sistema financeiro se hipertrofiou e o atraso chegou. Hoje, tirando o status quo ligado aos traders de papéis e moedas, é grande entre os conservadores ingleses o sentimento de que o liberalismo sem desenvolvimento é retrógrado e perigoso.

A renovação conservadora

Experiências internacionais comparadas servem de vitrine para o que devemos corrigir ou suplantar. O "neodesenvolvimentismo" tão execrado pelos economistas tradicionais no Brasil, por exemplo, é o cume dos três grandes atos bipartidários do governo Biden para promover a modernização da infraestrutura e reindustrializar a economia a partir da inspeção dos serviços tecnológicos aos processos produtivos e gerenciais. Quanto a isso, Trump e Biden falam a mesma língua. Divergem quanto à prioridade social.

É o que motiva os conservadores ingleses a afirmar, como se lê no blog The Conservative Reader escrito por intelectuais que estão ou estiveram no staff dos últimos governos, que "a Grã-Bretanha precisa de uma missão nacional de crescimento e resiliência, não de uma ideologia libertária".

Troque-se Grã-Bretanha por Brasil e se aplica ao que reclamam os empresários brasileiros e até Lula.

Também se aplica ao Brasil o argumento de Ambrose Evans-Pritchard no The Telegraph, dias atrás, segundo o qual "o baixo investimento crônico é a principal causa da fraca produtividade britânica, agravada por decisões históricas de austeridade".

Essa é a discussão que o empresariado com ativos produtivos ainda operacionais no Brasil tem de promover, e é também o pensamento de progresso e modernidade que falta aos partidos de centro até para dar um chega para lá na extrema-direita hidrofóbica. E mais: deixar claro, especialmente aos políticos e parte da imprensa, que não se veem representados pela agenda imobilista do mercado financeiro.

Deficit de inteligência

Olhando-se do alto a condução da nossa macroeconomia à luz do que se faz na Ásia e nos EUA, fica a sugestão de que temos não bem uma política econômica, mas um plano de contas com foco no caixa, que a tudo subordina. Empresas guiadas pela tesouraria, nomes ilustres como Kodak e GE, ou se foram ou se apenaram.

Países também padecem desse mal. É óbvio que há problemas fiscais graves, mas menos pelo gasto em si e mais pela governança frágil nos três níveis das federações. A despesa total da União, estados e municípios chegou em 2022, última consolidação pela Secretaria do Tesouro, a 45,9% do PIB ou R\$ 4,63 trilhões em valor nominal.

É um gasto alto para os padrões internacionais, em especial para uma economia emergente com crescimento estagnado. Não há receita tributária que baste, e outra vez com viés de alta dada a timidez dos governantes em priorizar a eficiência da gestão federativa.

Gastar meio PIB com função pública é tão excessivo que nem daria para cogitar emagrecê-la cortando a la Milei. É preciso engordar o PIB, o que pressupõe dar mais espaço ao capital privado e abraçar com fé as novas tecnologias, focando serviços para ter no emprego a saída para as ações sociais. Falta-nos inteligência estratégica.

Carnaval 2024

CHEGOU A HORA DE USAR A CRIATIVIDADE!

Está aberto o prazo para envio de fotos de fantasias de carnaval para concorrer ao Prêmio CB Folia deste ano! Além da melhor fantasia adulta também será premiada a melhor fantasia infantil.

PARTICIPE!!
Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e envie sua foto.



As votações e envio de votos vão até o dia 14/02. O resultado sairá no dia 16/02.

Apresentado por:



Realização:

CORREIO BRAZILIENSE

